



Daniela Alarcon: [00:00:08] Olá, este é o podcast do Andrea Mitchell Center, da Universidade da Pensilvânia. Meu nome é Daniela Alarcon, sou antropóloga e pesquisadora de pós-doutorado no projeto Expropriações nas Américas, do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Pensilvânia. Nossa convidada de hoje é Glicéria Tupinambá, liderança indígena do Brasil, artista e pesquisadora. Glicéria, seja bem-vinda ao nosso podcast.

Glicéria Tupinambá: [00:01:00] Obrigada por me acolher aqui e por eu ter a oportunidade de estar aqui na sua presença.

DA: [00:01:07] Glicéria, é um prazer ter você na Universidade da Pensilvânia. Eu gostaria de começar te perguntando um pouco sobre a comunidade de onde você vem. Quem são os Tupinambá, onde eles vivem e qual é a situação do seu território hoje?

GT: [00:01:21] Eu venho da região do Nordeste, Bahia, sul da Bahia, que está localizada na região cacauieira do sul da Bahia. É uma região que tem bastante conflito, principalmente pela questão de disputa territorial. E a gente vive... Nós, povo Tupinambá, vivemos ao longo de um território que compõe desde o litoral às serras, e são mais de 20 comunidades, aldeias, dentro do território. Vivemos da agricultura e da caça, da pesca e do cultivo da terra mesmo.

DA: [00:02:09] Eu vou compartilhar com vocês o fato de que eu conheço bem o território tupinambá também, venho realizando pesquisa com os Tupinambá há alguns anos. Para quem não está situado em relação ao sul da Bahia, é uma região de Mata Atlântica, muito importante para a conservação ambiental, e os Tupinambá são mais de cinco mil pessoas vivendo nesse território. Então, Glicéria, vocês, já há quase 20 anos, ou mais de 20 anos, têm se mobilizado pela demarcação da terra, da Terra Indígena Tupinambá de Olivença. Você pode contar para a gente um pouco como começou esse processo de luta pela terra e o que aconteceu de lá para cá?

GT: [00:02:48] Então, ao longo deste período, desde o estudo antropológico, da identificação e demarcação do território [parte do processo de

Daniela Alarcon: [00:00:08] Hi, this is the podcast of the Andrea Mitchell Center at the University of Pennsylvania. I am your host, Daniela Alarcon. I am an anthropologist and a postdoctoral fellow at the Penn-Mellon Project Dispossessions in the Americas, at the Center for Latin American and Latinx Studies, at the University of Pennsylvania. Our guest today is Glicéria Tupinambá, an Indigenous leader, artist, and scholar from Brazil. Glicéria, welcome to our podcast.

Glicéria Tupinambá: [00:01:00] Thank you for welcoming me and for giving me the opportunity to be here with you.

DA: [00:01:07] Glicéria, it is a pleasure to have you at the University of Pennsylvania. I would like to start by asking you about the community you come from. Who are the Tupinambá, where do they live, and what is the situation in their territory today?

GT: [00:01:21] I come from the Northeast region of Brazil, from the state of Bahia, southern Bahia actually, a region known for producing cocoa. There is a lot of conflict there, especially because of the territorial dispute. And we live... We, the Tupinambá, live in a territory that ranges from the coast to the mountains, and there are more than 20 communities or villages within the territory. Our sustenance comes from the agriculture, from hunting, fishing, from cultivating the land itself.

DA: [00:02:09] I want to share with you, listeners of our podcast, that I know the Tupinambá territory well too, since I have been doing research with the Tupinambá for a few years now. For those who are not familiar with southern Bahia, it is an area covered by the Atlantic Forest, an area that is crucial for environmental conservation. More than five thousand Tupinambá live in this territory. So, Glicéria, for almost 20 years, I mean, more than 20 years, your people have mobilized to pressure for the demarcation of the Tupinambá de Olivença Indigenous Territory. Can you tell us a little about how the land struggle started and what has happened since then?

GT: [00:02:48] Throughout this period, since the anthropological study for the identification and demarcation of the territory [part of the process of

reconhecimento oficial de terras indígenas, conduzido pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI], houve toda uma mobilização da comunidade e diálogo junto ao governo para que isso acontecesse, a demarcação, sem muitos conflitos. Mas engano: não teve como ter uma questão, digamos assim, calma, tranquila. Não houve, porque a gente teve que agir no caso, no processo, fazer as denúncias e fazer levantamentos [sobre o que o] território estava sofrendo, principalmente por questões ambientais. E como as violações de direitos ambientais eram muito grandes, a gente resolveu mapear essas agressões, entrar na justiça, procurando os meios legais de sanar esses problemas, e não fomos ouvidos. Então, a comunidade, os mais velhos tomaram a decisão de fazer as ações, fazer as retomadas [de terras]. A partir das retomadas, a justiça nos convocou. E a gente pensou que a gente teria a mesma paridade, teria o mesmo [juiz] para poder discutir e apresentar as provas. E, na verdade, o juiz, na época, definiu que [a justiça], naquele local, teria um lado, e o lado não era o nosso, não era o lado indígena. Ele falou claramente que aquele [juiz] não era favorável aos povos indígenas, principalmente para a questão territorial. Então, a partir daí, ele tomou o lado dele, implementando a questão das reintegrações de posse [nas áreas retomadas]. E nós – com a decisão dos mais velhos, que foi de resistir e ocupar o território, que era um território sagrado e que estava muito violado –, a gente precisaria naquele momento tomar essa atitude bem radical, de tomar posse do território. E a gente começou a expulsar os fazendeiros, os madeireiros, os caçadores, os pescadores que envenenavam o rio. E foi a melhor decisão, a partir de 2004. E hoje, anos depois, o território... A demarcação não foi concluída, porque ainda o governo não homologou [a Terra Indígena Tupinambá de Olivença], não assinou. Mas, em compensação, hoje... Os animais, a gente consegue ter a onça, a gente já viu dois casais de seriema... Vários pássaros que estavam extintos voltaram, vários animais que não existiam começaram a voltar à mata. Se vocês observarem... Hoje, a gente observa lá os pássaros: a gente já tem os pássaros terrestres, [os pássaros] da meia árvore e da copa das árvores. A gente está com um ecossistema quase todo em equilíbrio, de recuperação, de 2004 para cá. Então, houve um avanço muito grande para a questão ambiental e para a gente também, por conta das nascentes que se recuperaram e a natureza começou a se regenerar. Isso aí, para a gente, foi muito significativo. São 20 anos que essa terra começou a ter um descanso e não

official recognition of Indigenous territories, conducted by the National Indian Foundation – FUNAI] was carried out, the community has mobilized and established a dialogue with the government, aiming to make the demarcation happen without many conflicts. But there was no way to have, let us say, a calm process, without conflicts. We had to act in the case, in the process, making complaints and documenting how the territory was suffering, mainly due to environmental issues. And as the violations of environmental rights were very serious, we decided to map these aggressions, go to court, and seek legal means to solve these problems, but we were not heard. So, the community, the elders, decided to carry out direct actions, to carry out *retomadas de terras* [land retakings]. Following the *retomadas*, the justice summoned us. And we thought that we would have parity, that we would be able to discuss and present the evidence to the judge. But in fact, the judge, at the time, stated that the law, in that place, would have a side, and the side was not ours, it was not the Indigenous side. He clearly said that he was not favorable to Indigenous peoples, especially on territorial issues. So, from there, he took his side, issuing eviction orders [for the *retomadas*]. And we – based upon the decision of the elders, which was to resist and occupy the territory, a sacred territory that had been really violated –, we would need to take a very radical attitude at that moment, taking possession of the territory. And we started to expel the farmers, the loggers, the hunters, the fishermen who poisoned the river. And it was the best decision, starting in 2004. Today, years later, the territory... The demarcation was not completed, because the government has not yet ratified it [the Tupinambá de Olivença Indigenous Territory]; it has not signed it. But, on the other hand, today... The animals, we can see the jaguar, we have already seen two pairs of seriema [bird]... Several birds that were extinct returned, several animals that did not exist anymore began to return to the forest. If you pay attention... Today, we observe the birds there: we already have the terrestrial birds, the birds of the half-tree, and those of the treetops. The ecosystem is almost in balance, as it has been in the process of recovery, from 2004 onwards. So, there has been great progress in the environmental aspects, and for us too. The springs have been recovered, the nature has started to regenerate. That, for us, was very significant. It has been 20 years since this land began to rest, since it began to be less explored. But, on the other hand, the demarcation has not yet been signed.

ser tão explorada. Mas, em compensação, a demarcação ainda não foi assinada. A gente ainda está nesse processo, que ainda é muito incerto. Mas a gente tem a certeza de que nós, povo Tupinambá, a gente não vai desistir, a gente não vai abrir mão disso. Porque é maravilhoso ver os animais de volta, ver as florestas de pé e ver as nascentes, os olhos d'água correndo de novo, mais uma vez.

DA: [00:06:50] A gente pode, talvez, fazer uma espécie de linha do tempo. Em 2004, começa o processo de demarcação. Ele tarda. Só em 2009 é publicado o Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena, que afirma que se trata de território tradicionalmente ocupado, que é o território tupinambá, uma área de 47 mil hectares, verdade? Até o momento, então, se aguarda que o ministro da Justiça assine a portaria declaratória [da Terra Indígena], para que o processo possa seguir para as etapas finais, até a homologação, com a assinatura da Presidência da República. Então, essa é uma linha do tempo. De outro lado, a linha do tempo das retomadas, das ações que o movimento indígena, que vocês realizam. Eu queria te pedir se você poderia contar para os nossos ouvintes, que talvez não saibam o que é uma retomada: o que é uma retomada?

GT: [00:07:45] As retomadas são áreas pertencentes aos nossos antepassados, principalmente nossos avós, que sempre estavam no âmbito da nossa família, sob a nossa posse. E quando, na época... Chegou um período, na região, de titular as terras, de eles [não indígenas] pegaram e disseram que essas terras não tinham utilidade, não eram ocupadas. Então, eles começaram a medir, titular e dar as terras, fazer essa distribuição [para ocupantes não indígenas].

DA: [00:08:18] Glicéria, isso principalmente a partir da virada do século XIX para o século XX, com o cacau, certo?

GT: [00:08:24] Sim, com o cacau, a expansão da seringa, teve diversos... E principalmente, também, o roubo do jacarandá. A nossa região era muito rica em árvores e aí começou esse “progresso” – chamavam de progresso. E aí migrava muita gente para a região, onde roubaram muitas terras e se apropriavam [das áreas] dessas pessoas [indígenas], principalmente no seu leito de mais sofrimento, que era o luto. Eles se chegavam, dizendo que eram amigos, e tomavam as áreas de terra. Então, essas

We are still in this process, which is still very uncertain. But we are sure that we, the Tupinambá, are not going to give up, we are not going to give up on this. Because it is wonderful to see the animals back, the forest recovering and the springs running again.

DA: [00:06:50] Maybe we could make a timeline. In 2004, the demarcation process begins. But it moves very slowly. Only in 2009 the Official Report of Identification and Delimitation of the Indigenous Territory is published, stating that this is a traditionally occupied territory, that this is Tupinambá territory, an area of 47,000 hectares, right? So far, we have been waiting for the Minister of Justice to sign the decree [recognizing the Indigenous Territory], so that the process can move on to the final stages, until its ratification, with the signature of the President of the Republic. So, this is one possible timeline. There is another one, though: the timeline of the *retomadas*, the actions carried out by the Indigenous movement, by you. Could you tell our listeners, who might not know, what a *retomada* is?

GT: [00:07:45] The *retomadas* are areas that belong to our ancestors, especially our grandparents, lands that had always been within our family, under our possession. And when, at the time... A period came when non-Indigenous people started to grant land titles, when they took it and said that these lands were not productive and were not occupied. So, they began to measure, to title, and to give the lands away, distributing them to non-Indigenous occupants.

DA: [00:08:18] Glicéria, this happened mainly from the turn of the 19th to the 20th century, with the cocoa plantation, right?

GT: [00:08:24] Yes, with the cocoa plantation, and also with the expansion of the rubber tapping, there were several... And also with the stealing of the jacaranda [timber]. Our region was very rich in trees, and then this “progress” began – they called it progress. And then a lot of people migrated to the region, where they stole a lot of land and appropriated the areas of the Indigenous people, taking advantage of them especially in their moment of most fragility, whenever they were mourning.

terras, a gente tem uma memória, pelos mais velhos, pelos contos. Essas áreas têm esse registro e a gente sabe quem são os nossos troncos mais velhos [antepassados], que viviam lá, e onde pertenciam e como viviam. E a gente tem todo esse mapeamento. Então, nessas áreas, que são presentes, que a gente conhece, principalmente áreas sagradas, que eram utilizadas para rituais, essas áreas são as primeiras, no ponto de vista de a gente requerer essas áreas, de retomar essas áreas. E as áreas que mais iniciaram [o processo de retomada] foram as áreas que estavam mais agredidas ambientalmente, em que tinham derrubado as árvores. Então, nós iniciamos essas áreas de retomada, [pensando] “primeiro, vamos proteger a nossa Mãe Terra, proteger a natureza”. Aí, fizemos essas primeiras retomadas. E também [com o objetivo] de garantir a alimentação, porque a gente também estava em escassez de alimentos, porque as áreas... Nós não podíamos mais fazer roça. Porque tem um período de ano em que você pode mover as áreas de terra para fazer roça. O plantio de mandioca, ele só pode ser plantado numa área umas três vezes. Então, você teria que deixar a terra em descanso, para plantar mais daqui mais outro tempo. Então, tinha que ter um período de descanso. E como as áreas que a gente tinha, os sítios, eram muito pequenas, já não dava mais para plantar, para ter esse cultivo. Com essa oportunidade de fazer as retomadas, a gente ocupou esses lugares que estavam abandonados, que eles [pretensos proprietários] não usavam para plantio nenhum, só para a exploração da mata. Então, nós utilizamos as áreas que eram possíveis, de roça. E a gente tinha também esse projeto do corredor ecológico, para os próprios animais circularem, e eles [não indígenas] estavam vedando essa questão, cercando os animais também. Então, a gente fez todo esse mapeamento, tinha todo um processo de conhecimento de área para fazer essa retomada, a partir de onde os mais velhos viviam, moravam, os nossos antepassados, os nossos avós.

DA: [00:11:16] Muitas vezes, eu escutei vocês falando que, ao longo desse processo de realizar até hoje 95 ações de retomada e ver também o retorno de diversos indígenas que estavam fora do território porque já não tinham terra e finalmente puderam voltar e ter uma base material, um lugar para viver, para plantar... Muitas vezes, eu escutei pessoas falando que, na prática, vocês têm um governo próprio, que vocês sabem tomar suas decisões e fazer essa gestão coletiva da vida. Você pode falar um pouco sobre como está organizada a aldeia,

They approached them saying that they were friends and took over the land. So, these lands are in our memory, through the elders, through the tales. These areas have this record, and we know who our oldest trunks [ancestors] are, those who lived there, we know where they belonged to and how they lived. We have it all mapped. So, these areas – which are still there, which we know, especially the sacred areas, which were used for rituals –, these are the priority when it comes to reclaiming and retaking. And the areas where we started the recovery process were the ones that were the most environmentally attacked, in which the trees had been cut down. So, we started to retake them, thinking, “first, let us protect our Mother Earth, protect nature.” That was when we retook the first areas. And we did that also with the goal of guaranteeing food, since food was becoming scarce, because the areas... We could no longer cultivate our gardens. Because there is a specific period of the year when you can grow the gardens. The cassava, for example, can be planted in the same area only about three times. After that, you would have to let the land rest, before planting there again. The land had to have a resting period. And as the areas we had, the smallholdings, were tiny, it was no longer possible to plant, to have this process of planting and resting. With the opportunity of carrying out the *retomadas*, we occupied these abandoned places, which the people who claimed to be the land owners did not use for planting at all, only for the exploitation of the forest. So, we planted gardens wherever it was possible. And we also had this project of establishing an ecological corridor, for the animals to circulate. Non-Indigenous people were neglecting this issue, leaving the animals stranded as well. So, we did all this mapping. It was a comprehensive process of assessing knowledge in order to retake the areas, based on where the elders lived, our ancestors, our grandparents.

DA: [00:11:16] I have frequently heard you saying that, throughout this process of carrying out 95 *retomadas* so far and witnessing the return of several relatives who were outside the territory, because they no longer had land, and now were finally able to come back and have a material base, a place to live, to plant... Many times, I heard people saying that, in practice, you have your own government, that you know how to make your decisions and make this collective management of life. Can you talk a little about how the village is organized, about the

sobre a associação [Associação dos Índios Tupinambá da Serra do Padeiro], as reuniões, o processo de tomada de decisões? Como é que vocês se organizam politicamente no dia a dia?

GT: [00:12:00] A gente não tem uma receita própria e pronta, dizendo “olha, segue essa receita, que vai dar certo”. Então, a gente vai fazendo a leitura, vai sentindo a necessidade em que as pessoas vão chegando. Nós chegamos a tal ponto, que mainha [dona Maria da Glória de Jesus] fala que a gente ficou agredido, ficou tão apertado, sem poder respirar. E quando chega esse momento de fazer a retomada, de a gente ocupar, é um outro momento de como a gente vai gerir, vai gestar esse lugar, essas retomadas. E aí, então, vem o desafio, né? Como organizar tanta gente. E as pessoas [indígenas] que trabalhavam de servidão para os fazendeiros são expulsas das áreas, são mandadas embora sem direito a nada. E as pessoas começaram a voltar e procurar a gente. O que a gente fazia? A gente ia e colocava dentro das áreas de retomada, né? Então, a gente ia acolhendo as pessoas que eram parentes, que nunca saíram de lá também. Teve outras pessoas, que foram para a cidade e, quando souberam da luta da terra, voltaram também, e a gente foi acolhendo. Então, houve a necessidade de ampliar o território, ampliar as áreas de retomada. A gente continuou fazendo [ações de recuperação territorial]. Aí vem a necessidade de se organizar. E a gente foi entender. Porque a gente acordava de manhã, a organização estava na cabeça, no nosso pensamento, o que ia fazer no outro dia de roça, ou quem ia fazer alguma coisa. Então, era sempre determinado o que ia fazer, o planejamento, a pessoa dormia, já acordava com planejamento na cabeça e deliberava para as pessoas. Só que aí, chegaram os parceiros e falaram assim: “não, vocês são organizados, mas tem uma coisa a mais que vocês precisam: deixar isso registrado em papel”. E a gente não conhecia o papel, a gente não dominava o papel. O papel, para a gente, sempre tinha nos tirado os direitos, o papel tinha tirado o nosso território. A gente não tinha o contato com o papel. Então, dessa maneira, a gente foi conhecer o outro lado do papel. E aí a gente fundou uma associação, criamos a Associação dos Índios Tupinambá da Serra do Padeiro, que deu início à nossa organização, a base do território, para gestar o território. Aí, a gente foi organizar, administrar as retomadas, e foi organizar as pessoas, os plantios – tem as áreas coletivas, tem as áreas individuais. A gente tem as reuniões, uma vez ao mês, em que a gente se reúne para discutir tudo e todos, o que vai

Indigenous Association of the Tupinambá of Serra do Padeiro, the meetings, the decision-making process? How do you organize yourselves politically on a daily basis?

GT: [00:12:00] We do not have a ready-made recipe, saying, “look, if you follow this recipe, it will work.” So, we analyze the situation, we go on feeling what people need. We got to a point in which we were assaulted, strangled, unable to breath, as mom [Maria da Glória de Jesus] says. And when the moment of retaking the land comes, the moment for us to occupy it, it is also a moment of deciding how we would manage everything, manage this place, these *retomadas*. And then comes the challenge, right? How to organize so many people. And the Indigenous people who worked in servitude for the farmers are expelled from the areas and sent away without any rights [as a backlash to the *retomadas*]. And people started coming back and looking for us. What did we do? We settled them in the *retomadas*, right? So, we welcomed our relatives, who had never left the territory. Other relatives, who had moved to the city, when they heard about the land struggle, they also came back, and we welcomed them. So, it was necessary to expand the territory, expand the *retomadas*. We continued doing *retomadas*. With this, arises the need to organize. And we came to understand certain ways of organizing. Because, when we would wake up in the morning, the organization was in our minds, in our thoughts, what we were going to do the next day in the garden, or who was going to do what. So, the chores were always determined, the planning. People would sleep and wake up with a plan in their mind and would deliberate for others. But then our partners arrived and said, “you are organized, but there is one more thing you need to do: to record it on paper.” And we did not know the paper, we did not master the paper. For us, paper had always taken away our rights, paper had taken away our territory. We had no contact with paper. So, that way, we got to know the other side of the paper. And then we founded an association, we created the Associação dos Índios Tupinambá da Serra do Padeiro [Indigenous Association of the Tupinambá of Serra do Padeiro], which gave a start to our organization, and the basis to the territory, to manage the territory. Then, we went on organizing, managing the *retomadas*, the people, the gardens – we plant both in collective areas and in individual ones. We have meetings, once a month, in which we get together to discuss everything and everyone, what we will deal with,

se tratar, o que vai fazer, o que vai mobilizar ou para onde vai. E coisas mesmo das famílias se tratam dentro dessa assembleia, a reunião da associação, reunião do cacicado e todos os departamentos [da associação]: Saúde, Educação, Jovens, Mulheres, Agricultura. Tudo se trata dentro dessa reunião, que acontece uma vez ao mês, dentro da comunidade. Recentemente, a gente também resolveu ter outro formato de pensar, de como se organizar e atender os diversos pensamentos. As pessoas pensam que todo mundo tem que seguir um líder, ter um pensamento único. Não, a gente tem que ter pessoas que também discordam, pessoas que constroem, que criem. E aí acha que não está de acordo. Então, a gente pensou: essas pessoas têm o direito de discordar, têm o direito de pensar de outra maneira, têm o direito de experimentar outro exemplo, outra forma. Então, a gente criou o formato que é o dos troncos familiares [famílias extensas com um antepassado em comum], que nós [somos] pertencentes a cada tronco e estamos dando a liberdade de cada tronco se organizar à sua maneira, ao seu pensamento. Então, tem a autonomia das famílias de ter outro pensamento de organização. A gente tem a associação principal; a outra família, o tronco familiar de outras famílias criou uma associação, mais uma outra para a administração interna da família; e nós [tronco familiar de Glicéria] criamos uma cooperativa, que é para tratar da questão econômica da nossa família, e também podemos acolher das outras associações, que são os não cooperados, os parceiros. Então, nós, da família, dentro do próprio território, a gente vira um parceiro do outro. A gente criou esse outro método. Na verdade, foi esse movimento. Foi pensando tudo isso para criar essa estrutura de pensamento que a gente tem hoje. E aí tem a liberdade de as mulheres se organizarem, [por exemplo] de fazer a farinha das mulheres. Então, elas se reúnem, elas discutem, elas demandam. Então, isso é muito rico para a construção de uma política igualitária dentro do próprio território.

DA: [00:17:02] A farinha, para quem não conhece, é esse processo de produção de farinha e outros derivados da mandioca na casa de farinha. E é um momento muito agitado, com muita conversa, troca de ideias, e acaba sendo, na prática, também um espaço político, né, Glicéria? De não só produzir a farinha, mas trocar, trazer os problemas e pensar em soluções. É muito interessante o que você está falando, porque é um processo bastante complexo de tomada de decisão, que passa pela construção do

what we will do, how we are going to mobilize or where we will go. And even family matters are dealt within this assembly, the association meeting, the chieftaincy meeting and the meeting of all the departments [of the association]: Health, Education, Youth, Women, Agriculture. It all comes down to this meeting, which takes place once a month, within the community. Recently, we also decided to have another way of thinking, of organizing and responding to different thoughts. People think that everyone has to follow a leader, has to have a unique mindset. No, we must have people disagreeing, people who build, who create. So, we thought: these people have the right to disagree, they have the right to think differently, they have the right to experience another example, another way. So, we created a model based on the *troncos familiares* [extended families with a common ancestor]. We belong to specific *troncos* and we are giving each of them the freedom to organize itself in its own way, according to its thinking. So, families have the autonomy to have another organizational thought. We have the main association; another family, another *tronco* created an association to manage their family issues; and our *tronco* created a cooperative, to deal with our family's economy, while also being able to deal with other associations, with the non-associated, the partners. So, within our territory, we, the families, have become partners to one another. We created this other method. In fact, it was a process. All this was conceived to create this structure of thought that we have today. And then women have the freedom to organize themselves, for example, to make the *farinhada das mulheres* [collective production of cassava flour led by women]. So, they meet, they discuss, they demand. This is very rich for the construction of egalitarian politics within the territory itself.

DA: [00:17:02] For those who are not familiar with this, *farinhada* is this process of producing flour and other cassava products in a production unity known as *casa de farinha*. It is a very lively moment, with a lot of conversation, exchange of ideas, which ends up being, in practice, also a political space, right, Glicéria? It is not only about producing flour, but about making exchanges, bringing up problems, and thinking about solutions. What you are talking about is very interesting, because it is a complex decision-

consenso, que passa – como você falou também – pela discordância e pela abertura para criar formas novas de organização ao longo do processo. Eu queria te perguntar um pouco sobre o papel da educação nesse processo. Você falou um pouco do papel, de como o papel era esse instrumento de tomada de direitos, de perda de direitos, que depois passa a ser um instrumento de organização. E a educação também, me parece que entra nesse processo de vocês irem criando instrumentos para se organizarem. Você pode contar um pouquinho do papel da escola e da educação para vocês?

GT: [00:18:11] Sim, será um prazer, porque sempre os mais velhos brigaram para a gente ter esse conhecimento do não indígena, da cultura branca e a questão da leitura, da escrita. Então, eles faziam questão, [diziam] que era precioso saber ler e escrever, e conhecer as quatro operações da matemática, para não ser roubado no dinheiro, aprender as contas e a escrita. Minha madrinha fala que ela aprendeu a escrever com carvão na parede. Então, uma pessoa sabia uma letra ou outra e ela pegava aquela letra e ela escrevia na parede. Então, ela continuava repetindo nas paredes, com carvão, porque não tinha lápis, não tinha papel. Quando vinha um papel, que era no bernal, feito de açúcar – que açúcar antigamente era a granel e no papel... Então, ela guardava os papéis, para poder escrever, para poder aprender a escrita. E sempre que pôde, ela colocou os filhos para estudar. E aí, depois, vem minha mãe, fazendo um movimento grande para que nós pudéssemos estudar. E hoje a gente luta pela educação diferenciada. A gente tem um colégio [Colégio Estadual Indígena Tupinambá Serra do Padeiro – CEITSP] que funciona do [ensino] fundamental 1 ao curso [técnico de ensino médio] de agroecologia, a gente atende a questão da educação infantil. E isso é muito rico para a gente. Foi através dos pesquisadores, também, que a gente abriu um pouco a mente para entender o papel. Porque o papel que tirava nossos direitos passou a ser um papel que poderia devolver os nossos direitos. Então, a gente agradece muito, principalmente você, Daniela, Patrícia [Couto, antropóloga] e outros pesquisadores que passaram [pela aldeia], Nathalie [Pavelic, antropóloga]. A gente veio entender a importância de como as palavras, de como aquilo que os mais velhos falavam, que queriam tanto que a gente fosse estudar, para poder a gente ter uma ferramenta de garantir os direitos, o mínimo, que é para os nossos filhos, para a nossa geração, de dar uma educação de qualidade. Hoje, a gente tem uma

making process, which goes through the construction of consensus, disagreement – as you also said –, and the openness to create new forms of organization throughout the process. I wanted to ask you a little bit about the role of education in this process. You talked about paper, how paper was this instrument for taking the rights away, for losing rights, later becoming an instrument of organization. It seems to me that education is also part of this process of creating instruments to organize yourselves. Can you tell us a little bit about the role of school and education?

GT: [00:18:11] Yes, it will be my pleasure. Because the elders have always fought for us to have the non-Indigenous knowledge, the knowledge of the white culture, learning to read and write. So, they insisted that it was important to know how to read and write, and to know the four mathematical operations, in order to pay the bills, to purchase things without being fooled. My godmother says that she learned to write using charcoal on the wall. So, if a person knew a letter, she would learn that letter and write it on the wall. And she kept repeating it on the walls, with charcoal, because she did not have a pencil, she did not have any paper. When there was paper, it consisted of bags of sugar – in the old times, sugar used to be purchased in bulk and it was wrapped on paper... She would keep the papers, so she could write, so she could learn to write. And whenever she could, she took her kids to school. Then, later, my mother led a big mobilization so that we could study. And today we fight for a differentiated education. We have a school [Colégio Estadual Indígena Tupinambá Serra do Padeiro – CEITSP, or Tupinambá de Serra do Padeiro Indigenous State School] that goes from elementary to high school with a major in agroecology. And we also offer early childhood education. This is very rich. It was also through the researchers that we opened our minds a little to understand the role of paper. Because the paper that took away our rights became a paper that could give our rights back. So, we are very grateful, especially to you, Daniela, to Patrícia [Couto, anthropologist], and to other researchers who have worked with the community, for example, Nathalie [Pavelic, anthropologist]. We came to understand the importance of the words, of what the elders said. The elders who wanted so badly that we studied, so that we could have a tool to guarantee our rights, our basic rights, providing quality education for our children, for our generation. Today, we have a niece [Sthefany Silva] studying Medicine, which is a dream

sobrinha [Sthefany Silva] fazendo Medicina, que é um sonho para todo mundo – a gente nunca pensou nisso. E foi essa luta, eu acho, do carvão, do carvão escrito na parede, para que hoje a gente tenha Jéssica [Quadros, sua sobrinha] fazendo Direito, para conhecer os direitos, para que a gente garanta, cada dia mais, o direito dos povos indígenas hoje. Então, a educação, para a gente, é uma ferramenta, é uma arma, é um instrumento. Mas a gente não dominava, a gente não entendia a importância deles, até quando chegam, realmente, os bons papéis, o bom papel.

DA: [00:21:15] E você está quase se formando na universidade – acho que é importante também compartilhar isso com os nossos ouvintes –, num curso de Licenciatura Intercultural Indígena, com uma pesquisa extremamente interessante. Acho que você poderia falar rapidamente um pouco sobre ela também, pensando como a recuperação e o fortalecimento da cultura tupinambá também se ligam aos direitos e ao território. Então, se você puder falar um pouquinho da pesquisa que você está desenvolvendo, seria ótimo.

GT: [00:21:50] Eu tenho um trabalho sobre a revitalização, o resgate da nossa identidade através do manto tupinambá, *Assojaba Tupinambá*, que é bem complexo e emblemático. Ele é o centro de tudo que me move. Porque, através dele, a gente conseguiu ver que o território... Para o manto existir, precisaria de um território. E para o resgate, a revitalização da língua, precisa desse território. E aí, o manto vai mover tudo isso, vai ter essa clareza, vai ter os fios, as tramas. E, para existirem essas tramas, esses fios, a gente vai precisar de um ecossistema equilibrado. Como a abelha – a gente precisa da cera da abelha, de diversas abelhas, que, além de fazer as ervas, que é para a cura, [o mel] para o xarope, para fazer os nossos remédios, a gente precisa da cera para encerar o fio, o cordão, e para dar as malhas [do manto]. E a gente vai ver que também as mulheres... Eu trago na minha pesquisa as mulheres como a principal guardiã e detentora desses conhecimentos. Porque elas que guardaram, eu vejo nelas. E aí eu consegui mapear. São poucas mulheres, mas são mulheres fortes, aguerridas, que conseguiram deter esse conhecimento, que é a malha, a trama. E essas tramas é que vão dar hoje origem ao manto tupinambá, atualmente feito pelas minhas mãos. Eu não sou a artista do manto, mas a mão que possibilitou que o manto venha ter essa forma hoje presente, com as cores da natureza, com os pássaros também, que se doaram para que esse manto

for everyone – we never thought that this would be possible. And it was because of this struggle, I think, the struggle of the charcoal, of the charcoal written on the wall, that today we have Jéssica [Quadros, her niece] studying Law, to know the rights, so that we can guarantee, more and more, the rights of the Indigenous peoples today. So, for us, education is a tool, a weapon, an instrument. But we did not use to dominate it, we did not understand its importance, before the good papers arrived.

DA: [00:21:15] And you are almost graduating from university – I think it is also important to share this with our listeners –, in an Indigenous intercultural teaching training course, developing an extremely interesting research. Maybe you could talk briefly about it too, addressing how the revitalization, the strengthening of the Tupinambá culture is also linked to the rights and the territory. So, if you could talk a little bit about the research you are doing, that would be great.

GT: [00:21:50] I have been researching the revitalization, the recovery of our identity through the Tupinambá mantle, *Assojaba Tupinambá*, which is very complex and emblematic. This mantle is the center of everything that moves me. Because, through it, we were able to see that the territory... In order to exist, the mantle needs this land. And for the recuperation, the revitalization of the language, we need this land. And then, the mantle will move all this, it will have this clarity, it will have the threads, the wefts. And for these wefts, these threads to exist, we will need a balanced ecosystem. Like the bee – we need beeswax, from several bees, to wax the thread, the cord, and to knit the stitches of the mantle, in addition to honey, for healing, for making syrup, for making our medicines. And we will see that also the women... In my research, I present the women as the main guardians and holders of this knowledge. Because they have kept it, I can see this knowledge in them. And because of this I was able to map it. It is just a few women, but they are strong, courageous women who managed to keep this knowledge, the weft. And these wefts are what will give rise to the Tupinambá mantle today, currently made by my hands. I am not the artist of the mantle. I am the hand that made possible for the mantle to have this form we see today, with the colors of nature, with the birds too, who donated themselves so that this mantle could come back into existence. When people

voltasse a existir. Porque, quando as pessoas veem o manto, falam assim: “quantos bichos tiveram que ser sacrificado para o manto existir?”. Aí, eu fico dando risada, porque nenhum bicho foi sacrificado. Porque as penas, assim como o seu cabelo se desprende do couro cabeludo, as aves também têm um processo de troca de penas. Então, a gente pode colher as penas, elas podem deixar as penas, e a gente faz isso, a gente recolhe as penas, colhe. Minha mãe sabe: tem um período das penas, em que a pena é de sangue e tem o período em que as penas estão maduras, que elas estão limpas, sem o sangue. A gente faz a coleta e não precisa matar. É importante fazer esse controle nas penas dos pássaros, que é para crescerem as penas por igual, para ele poder voar melhor. Então, a gente já ajuda no processo deles também. E entender também o que passa pela comunidade, que é um processo coletivo, que envolve desde as crianças, as mulheres, os jovens, o território, as árvores, os pássaros, a fibra. Tudo isso é bem completo. Então, é um trabalho minucioso. E também eu sempre discuto para que as instituições que detêm a nossa cultura [como os museus europeus que têm a guarda dos mantos tupinambá do período colonial], que abram um espaço de diálogo, para que a gente tenha acesso a essas obras, porque a gente não consegue chegar. E a gente consegue perceber que essas obras, para a gente, são uma expansão do nosso território, é uma extensão do nosso território. São marcos sagrados, são marcos que eles detêm, que eles cuidam. Então, para a gente... E isso [está] dentro da minha pesquisa.

DA: [00:25:23] Você está criando contemporaneamente esse manto de penas, que remete a esse objeto tão importante, tão emblemático para os Tupinambá, que eram esses mantos coloniais de penas de guarás e outras aves, e que hoje não estão no Brasil. Todos estão em museus europeus – na Basileia, na França, em Paris, enfim, em Florença... E hoje você tem recriado e também aberto o diálogo com esses museus. É realmente muito interessante pensar como a cultura é viva e como você está fazendo uma discussão sobre descolonização dos museus, sobre desfazer certos estereótipos coloniais sobre os Tupinambá também. Então, eu só tenho a te saudar por esse trabalho tão importante e que tem ganhado muita visibilidade com os prêmios que você recebeu ano passado [entre os quais, o Prêmio Um Outro Céu], a curadoria de uma exposição [Kwá yepé turusú yuriri assojaba tupinambá | Essa é a grande volta do manto tupinambá] na Fundação Nacional de Artes

see the mantle, they say, “how many animals had to be sacrificed for the mantle to exist?” I laugh, because no animals were sacrificed. Because the feathers [that were used in the mantle]... Just like hair falls from one’s scalp, birds also have a process of feather change. So, we can collect the feathers, the birds can leave the feathers, and we do that, we collect the feathers, we harvest them. My mother knows: there is the period of the bloody feathers, and there is a period when the feathers are ripe, when they are clean, without blood. We do not need to kill birds to collect them. And it is important to control the feathers of the birds, so they can grow evenly, and birds can fly better. So, we help them in this process too. And it is also important to understand what goes on in the community, which is a collective process, encompassing children, women, young people, the territory, the trees, the birds, and the fiber. It is very wholesome. So, it is a very detailed job. And also I always emphasize that the institutions that hold our culture [such as the European museums that guard the Tupinambá mantles from the colonial period] should open a space for dialogue, so we have access to these works. Because we cannot get there. And we can see that these works, for us, are an expansion of our territory, an extension of our territory. They are sacred landmarks, they are landmarks that the institutions hold, that they take care of. So, for us... This is in this scope of my research.

DA: [00:25:23] You are currently creating a feather mantle, which traces back to a very important object, so emblematic for the Tupinambá, the colonial mantles made of feathers of scarlet ibis and other birds, mantles that nowadays are not in Brazil. They are all in European museums – in Basel, in France, in Paris, in Florence... And you have recreated the mantle and also opened a dialogue with these museums. It is really interesting to think about how the culture is alive and how you are making a conversation about the decolonization of museums, about undoing certain colonial stereotypes about the Tupinambá. I just have to congratulate you for this very important work that has gained a lot of visibility with the awards you received last year [among which the Another Sky prize], the curatorship of an exhibition [Kwá yepé turusú yuriri assojaba tupinambá | This is the great return of the Tupinambá mantle] at the National Arts Foundation of Brazil (FUNARTE)]. It is really inspiring. I

do Brasil [FUNARTE]. É realmente um trabalho bastante inspirador. Eu queria te perguntar, pensando no cenário político brasileiro... Se, de um lado, os Tupinambá estão muito mobilizados e com avanços importantes, com o ingresso de indígenas na universidade e certos avanços com a luta, resultado das ações diretas, dos processos de recuperação territorial, a gente também vive um momento bastante dramático para os direitos indígenas. Então, eu queria te perguntar um pouco qual é a sua avaliação, qual o seu balanço político do momento que nós estamos vivendo, em termos das violações e das principais ameaças para os povos indígenas no Brasil hoje.

GT: [00:27:06] Hoje, no cenário em que a gente se encontra, principalmente... Não só com o desmanche das nossas estruturas, como a própria FUNAI, que era um órgão para defender a questão dos nossos direitos...

DA: [00:27:20] A Fundação Nacional do Índio.

GT: [00:27:23] Hoje, ela se encontra esfacelada. E a gente tinha também a [Advocacia-Geral da] União [AGU], que era um conjunto de advogados para defender o direito à [Constituição], e que hoje se encontra também não favorável. E essas questões dessas PECs [Propostas de Emendas à Constituição], são diversas PECs para poder tirar os direitos dos povos indígenas e facilitar o acesso, a exploração nos territórios indígenas.

DA: [00:27:54] Então, a gente tem a Constituição Federal de 1988, que garante uma série de direitos, mas esses projetos de emenda constitucional vêm para desfazer, para retroceder nos direitos indígenas, certo?

GT: [00:28:05] Sim. Nessa desconstrução desses direitos, eles não querem respeitar a Constituinte, eles rasgam a Constituição a todo momento. E a gente sofre com todas essas PECs. A gente vem enfrentando a PEC [187], que é essa questão de eles [não indígenas] explorarem [economicamente] o nosso território, de abrir os nossos territórios praticamente à venda, à exploração de minérios, à exploração dos areais. Principalmente no território tupinambá, o que é mais agravante é a questão do avanço da extração da areia, que vai destruindo os rios, as nascentes, as matas e os habitats dos animais... Os micos-leões, tudo, são bastante

wanted to ask you, thinking about the Brazilian political scenario... On the one hand, the Tupinambá are very mobilized and have made important advances, with the admission of Indigenous students to the university and certain advances with the struggle, as a result of direct action, of the process of territorial recovery, but we are also experiencing a very dramatic moment for the Indigenous rights. I would like to ask what is your political evaluation about the moment we are living now, in terms of the violations of rights and the main threats to the Indigenous peoples in Brazil today.

GT: [00:27:06] Today, the scenario in which we find ourselves is mainly... Not only with the dismantling of our structures, but also of FUNAI itself, which was an organ to defend our rights...

DA: [00:27:20] The National Indian Foundation.

GT: [00:27:23] Currently, the FUNAI is falling apart. In the past, we also had the Attorney General Office [AGU], which was a group of lawyers in charge of defending the Constitutional rights. Today, the AGU too is unfavorable to Indigenous peoples. And there is the issue of the proposed amendments to the Constitution (PECs), there are several PECs aimed at taking away the rights of the Indigenous peoples and facilitating the access to and the exploitation of the Indigenous territories.

DA: [00:27:54] So, we have the Federal Constitution of 1988, which guarantees a series of rights, but these proposed amendments are meant to undo, to set back the Indigenous rights, correct?

GT: [00:28:05] Exactly. With the dismantle of these rights, they disrespect the Constituent Assembly, they constantly tear up the Constitution. And we suffer with all these PECs. We have been facing the PEC 187, which allows non-Indigenous people to profit from our territory, to practically open our territories for sale, for mining, for sand extraction. On the Tupinambá territory, the most pressing issue is sand extraction, which is destroying rivers, springs, forests, and animal habitats... The lion tamarins, especially, are greatly impacted. Not just people – who will also, in the future, run out of water. Sand is something you can take out, but not put back:

impactados. Não só as pessoas – que também, no futuro, ficarão sem água. E também a areia é um lugar onde se tira, não se bota: ninguém sabe fazer areia. São duas coisas que os cientistas ainda não conseguiram fazer: fazer areia e a outra coisa é fazer a água. São duas coisas que os cientistas, por mais que estudem, eles ainda não conseguiram, só a nossa Mãe Natureza que consegue reproduzir isso, fazer dessa maneira. E isso, para a gente, no futuro, vai ocasionar um desequilíbrio muito grande no mundo, na nossa casa maior, que é onde todo mundo vive. E esses direitos atingem... Porque eles não tratam o direito, eles não tratam a Terra como uma coisa única. Eles tratam como esfacelados: direito ambiental é uma coisa, direito do território é outra. É uma coisa separada da outra. Direito da água é outra. Principalmente as barragens, que poluem os rios – são vários territórios indígenas em que hoje não pode ser consumida a água por conta das barragens de minérios, que são afetados pelos rejeitos. Então, a todo instante, nós, povos indígenas, nosso território está sendo impactado, e nenhum direito de reparação. E não tem um jeito para se reparar os impactos ambientais que a gente vem sofrendo. E o que se encontra sempre são essas leis que estão querendo sempre botar a mão dentro dos nossos territórios. Sendo que nós somos uma das maiores reservas de equilíbrio e produção de oxigênio para o mundo.

DA: [00:30:49] Certo. Já para finalizar, eu gostaria de fazer uma pergunta. Você tem representado os povos indígenas do Brasil em diversos contextos diferentes, nas Nações Unidas [ONU], em Genebra, e em reuniões com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos [CIDH], na Jamaica. Enfim, você tem viajado e tido contato com lideranças indígenas também de outros países. O que você aprendeu sobre fazer política, sobre democracia, sobre, enfim, como habitar o mundo e pensar projetos de futuro nesses seus diálogos com outros povos e tendo acesso a esses espaços tão importantes de discussão e mobilização política?

GT: [00:31:33] Tem uma coisa que eu achei comum entre todos. Sabe o quê? Eu acho que... Como é que faz a gente ser forte? Porque, cá na nossa região, eles [não indígenas] falam que lá não existe indígena, que o lugar de índio é na Amazônia. Quando eu cheguei lá no Pará, na Amazônia, aí o pessoal falou que o lugar do índio é lá na Bolívia, no México, nessa região. Aí, em contato com esses parentes, eles falaram que o lugar dos indígenas não era lá, era em

nobody knows how to make sand. There are two things that scientists have not yet been able to do: make sand and make water. These are two things that scientists, no matter how hard they study, still have not managed to do, only our Mother Nature can produce it. In the future, that will cause a huge imbalance in the world, in our biggest house, where everyone lives. And those rights reach... Non-Indigenous people do not deal with this like a unified right, they do not handle the Earth as a single thing. They face it as fragments: environmental law is one thing, land law is another. Each aspect is separate from the other. Water law is another thing for them. Particularly the dams, which pollute the rivers – there are several Indigenous territories where water cannot be consumed today because of the ore dams, territories which are affected by mining waste. So, constantly, we, Indigenous peoples and our territory, are being impacted, and there is no right to reparation. There is no way to repair the environmental impacts that we have been suffering. And what we always find are the laws that are always trying to grab our territories. And we are one of the biggest reserves of balance and production of oxygen for the world.

DA: [00:30:49] Right. To wrap it up, I would like to ask you a question. You have represented the Indigenous peoples of Brazil in different contexts, at the United Nations (UN), in Geneva, and in meetings with the Inter-American Commission on Human Rights (IACHR), in Jamaica. You have traveled and had contact with Indigenous leaders from other countries as well. What did you learn about doing politics, about democracy, about, in short, how to live in this world and think about future projects in your dialogues with other peoples, especially having had access to these very important spaces of discussion and political mobilization?

GT: [00:31:33] I found one thing in common among us all. Do you know what? I think that... What makes us strong? In our region, non-Indigenous people say that there are no Indigenous people there, that the place of Indigenous people is in the Amazon. When I arrived in Pará, in the Amazon, people would say that the place of the Indian is in Bolivia, in Mexico, in that region. Then, in contact with Indigenous leaders from that region, they said that they also

outro lugar. Aí, eu parei para pensar assim: qual é o lugar do índio, do indígena? Qual é o lugar daquele habitat, daquele lugar, aquela questão? E eles estavam também fazendo essa pergunta, se questionando, porque, se eles [não indígenas] disseram que o lugar deles não era aquele lugar de origem, qual é o lugar? E vendo a questão aqui no museu também...

DA: [00:32:29] Aqui nos Estados Unidos.

GT: [00:32:30] Aqui nos Estados Unidos, no Museu dos Índios da América [Museu Nacional do Índio Americano – NMAI]. Como fizeram a expulsão deles [dos indígenas]. Porque eles não tinham direito, não podiam pertencer àquele lugar, e foram empurrando, empurrando, empurrando, empurrando. Qual é o nosso lugar? Eu tenho essa pergunta para as pessoas: qual é o nosso lugar? Porque parece que a gente não pertence a lugar nenhum. E a gente tem um lugar. A gente conhece os nossos lugares e a gente fica... Me passa essa pergunta, porque, quando a gente conversa, a gente luta, a gente está lutando pelos mesmos direitos, os mesmos ideais, a melhoria do povo, garantir o território, permanecer no território, melhoria, um lugar digno para as mulheres, para as crianças, um direito à educação, ter um direito igualitário, humano, com as pessoas, tem o direito de existir... E as pessoas negam a todo instante esse direito para a gente, falam que o nosso lugar não é aquele lugar. Então, eu tenho uma pergunta para as pessoas: qual é o lugar dos povos indígenas?

DA: [00:33:40] Glicéria, muito obrigada. Acredito que a gente pode fechar com essa pergunta, para que ela fique reverberando entre os nossos ouvintes. Qual é o lugar dos povos indígenas? E te agradeço muito pela conversa, foi um enorme prazer. Obrigada.

GT: [00:33:57] Eu que te agradeço e agradeço a oportunidade de estar por aqui. Agradeço à Penn, à universidade [na] Filadélfia por ter me convidado para estar aqui presente, estar participando dessa construção, porque vou levar muito aprendizado para o meu povo. Fico muito feliz e espero que esse caminho esteja aberto para outros povos.

DA: [00:34:21] Obrigada.

would hear that the place of Indigenous people was not there, it was somewhere else. Then, I stopped and thought about this: what is the place of the Indigenous person? What is the place of that territory, that place, that question? And they were also asking this question, interrogating themselves, because if non-Indigenous people said that their place was not that place, which is their place of origin, so what is their place? And seeing the question here at the museum too...

DA: [00:32:29] Here in the United States.

GT: [00:32:30] Here in the United States, at the National Museum of the American Indian (NMAI). How they expelled the Indigenous peoples. Because they had no right, they could not belong there, and the non-Indigenous kept pushing, pushing, pushing, pushing. What is our place? I have this question for people: what is our place? Because it feels like we do not belong anywhere. And we have a place. We know our places and we stay... It makes me question that, because when we talk, we fight, we are fighting for the same rights, the same ideals, for the improvement of the people, for guaranteeing the territory, for staying in the territory, for improvement, a dignified place for women, children, for the right to education, to have an egalitarian, human right, with people, who have the right to exist... And people deny this right all the time for us, they say that our place is not that place. So, I have a question for people: what is the place of Indigenous peoples?

DA: [00:33:40] Glicéria, thank you very much. I believe that we can close with this question, so that it reverberates among our listeners. What is the place of the Indigenous peoples? And thank you very much for our conversation, it was a great pleasure. Thanks.

GT: [00:33:57] I thank you and I appreciated the opportunity of being here. I thank Penn, for inviting me to be here, to participate, and I am going to bring a lot of learning to my people. I am very happy and I hope that this path stays open to other peoples.

DA: [00:34:21] Thank you.